

Multidão acorre ao Forte Orange para assistir aos trabalhos de restauração

43

Cerca de 200 pessoas, constituída em sua maioria de jovens estudantes universitários, além de crianças e anciãos, deslocou-se por todo dia de ontem até o Forte de Orange, para acompanhar os trabalhos arqueológicos e de restauração que ali se realizam. Todos queriam ver o esqueleto do militar em contrado a capela do antigo forte.

A estudante do setor de Arqueologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, srta. Veleda Lucena, juntamente com o arqueólogo Marcos Albuquerque e a estagiária srta. Penha Vanderley prestam as mínimas informações aos visitantes ansiosos por conhecer a história da Fortaleza, que, agora, à luz dos recentes achados, está empolgando a opinião pública.

DESCOBERTAS

Com o auxílio dos soldados da Polícia Militar de Pernambuco, foram revelados, ontem, alguns utensílios de cozinha usados na época em que o forte esteve habitado por flamengos e portugueses. Supõe-se que o local era uma cozinha, porque há indícios seguros de localização do fogão, afora certos detalhes técnicos que implicam na conclusão.

Os objetos achados nesse local constam de entulhos constituídos de restos de cerâmica — pratos, garrafas de vinho e azeite, panelas, alguma quantidade de carvão — além de punhais e outros artefatos de ferro. A estudante Vereda Lucena considera que ali se cozinhava para uma tropa de 300 homens, de acordo com as disposições gerais da dependência.

MARCAS

Há inscrições em diversas garrafas, pratos e fragmentos de garrafas. Os pratos trazem as letras em azul, muitos dos quais impossível de definir como uma marca peculiar da época. Em geral, todos os objetos estão em pedaços e os punhais trazem a data do tempo, visível desde

o punho à lâmina. As pesquisas se resumem, no momento, às proximidades dos rodapés das paredes internas.

Como se recorda, a fortaleza foi inicialmente uma espécie de fortim, constituída pelos holandeses em meados de 1631, conforme registra a história. Posteriormente, foi ocupada pelos lusos, após a capitulação de 1654. Os mapas que estão em poder da equipe da UFP não correspondem com o traçado atual, indicando isso que, ou os mapas não passam de esboços sumários, ou então, são verdadeiros apenas para a época que cada um corresponde.

Com a ocupação lusa, possivelmente todo o forte foi modificado em sua estrutura e arquitetura. Os testes de laboratórios que o Instituto da Arqueologia da UFP fará com todas as relíquias encontradas, trarão à luz todos (ou a maioria), os subsídios necessários à identificação da época a que pertenceram, e ainda, a sua origem. O atual brasão no frontispício do forte indica que data de época após o ano de 1654.

A rés do chão acredita-se que muita coisa ainda será encontrada. Todos os achados estavam a profundidade que variava entre 20 e 30 centímetros. A ação do tempo — vermes, vegetais, fungos, o próprio mar e o vento, deixou uma espessa camada de poeira e detritos dos rebócos junto aos paredões internos. Tudo isso será removido.

Além da cozinha, já foram identificadas as dependências da Praça D'Armas (local onde os oficiais faziam suas refeições); Setor onde se presume ficavam os guardas de serviço, funcionando ao lado de uma espécie de sarventeanca (escritório da tropa e do próprio forte); o corpo da guarda (pedras polidas de barro, sugerindo o jogo de dama, enquanto descansavam os soldados); e o restaurante das praças.